



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



**UFSC NA MÍDIA - CLIPPING
25 e 26 de agosto de 2012**

Notícias do Dia
Classificados

“Aperfeiçoe-se com curso de saúde pública da UFSC”

Departamento de Saúde Pública da UFSC / Inscrições / Especialização em Saúde Coletiva



Aperfeiçoe-se com curso de saúde pública da UFSC

FLORIANÓPOLIS - O Departamento de Saúde Pública da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) abriu inscrições para a Especialização em Saúde Coletiva. Podem se candidatar graduados de todas as áreas de formação, desde que em Instituição de Ensino Superior reconhecido pelo MEC. São oferecidas 30 vagas, o início do curso será em 27 de setembro, as aulas são presenciais e a duração do mesmo é de 10 meses. O formado receberá o título de Especialista em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Santa Catarina.

As inscrições podem ser realizadas até o dia 3 de setembro, assim como a entrega da documentação necessária, que precisa ser encaminhada por Sedex ou presencialmente.

Garanta sua vaga acessando o site www.ufsc.br. Dúvidas podem ser sanadas no telefone (48) 3721-4870.

Diário Catarinense
Serviço

“Deixar de fumar”

Inscrições / Curso gratuito / *Como Deixar de Fumar em 5 Dias* / Auditório do CCJ da UFSC

• **Deixar de fumar** - Estão abertas as inscrições para o curso gratuito *Como deixar de fumar em cinco dias*, que será realizado de 26 a 31 de agosto, às 20h, no auditório do CCJ, no campus Trindade da UFSC, em Florianópolis. Inscrições: jsouza@tm.ufsc.br ou (48) 9142-1303. Serão oferecidas cerca de 100 vagas.

Diário Catarinense - Marcos Espíndola

"Vida aos 70"

Milton Nascimento / Show / Florianópolis / Centro de Cultura e Eventos da UFSC / Prazeres da vida



Diário Catarinense - Agenda

"50 anos de carreira"

Milton Nascimento / Show / Florianópolis / Centro de Cultura e Eventos da UFSC



50 ANOS DE CARREIRA

Hoje, o cantor **Milton Nascimento** fará apresentação em Florianópolis. O músico traz no repertório canções do show de 50 anos de carreira.

No Centro de Eventos da UFSC (Campus universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis). Às 21h. Ingressos à partir de R\$ 160 à venda no quiosque/site Blueticket. Clube do Assinante tem R\$ 10 de desconto.

CLUBE DO ASSINANTE

DIVULGAÇÃO

A Notícia Caderno Anexo – Idéias

“Ele é um gênero em si”

Milton Nascimento / Show / Florianópolis / Centro de Cultura e Eventos da UFSC / 50 anos de carreira / Influência do cinema / Assédio da imprensa

Entrevista/Milton Nascimento

Ele é um gênero em si

Dizem que Milton Nascimento não é de muita conversa. Não é verdade. Ele sofre com a maldição dos famosos: responde há 50 anos as mesmas perguntas sem importância que jornalistas insistem em fazer. Mas se é para falar do que ama, ele se desdobra em histórias incríveis. Um dos maiores nomes da MPB, Milton se apresenta hoje em Florianópolis. No repertório, canções do show de 50 anos de carreira.

ROBERTA ÁVILA

Faz 15 anos que você não vai a Florianópolis. Que lembranças tem da cidade?

Milton Nascimento – Eu fui a Florianópolis duas vezes. Uma para tocar e a outra para passar o Carnaval com a família e amigos. Nessa do Carnaval, ficamos hospedados numa praia afastada e estava todo mundo saindo para ir pular Carnaval e eu disse que ia ficar em casa cuidando das crianças. Aí, um amigo me disse que eu era fresco e enjoado. Eu falei: “o quê, eu sou enjoado? Então tá bom”. Fui, coloquei uma meia-calça nos braços, um pano na cabeça, óculos de sol e me fantasiei de árabe. Olhei no espelho e nem eu me reconhecia. Fomos todos pular Carnaval numa praça. Eu tava lá, quando chegou um cara para mim “nossa, mas você é a cara do Milton Nascimento”. Aí, fiquei meio assim, vi que ele foi chamar os amigos, juntar todo mundo, e sai de lá rapidinho! (risos)

Você está completando 50 anos de carreira e o álbum Clube da Esquina está fazendo 45. Li que você considera o aniversário do Clube da Esquina mais importante do que o da sua carreira, é verdade?

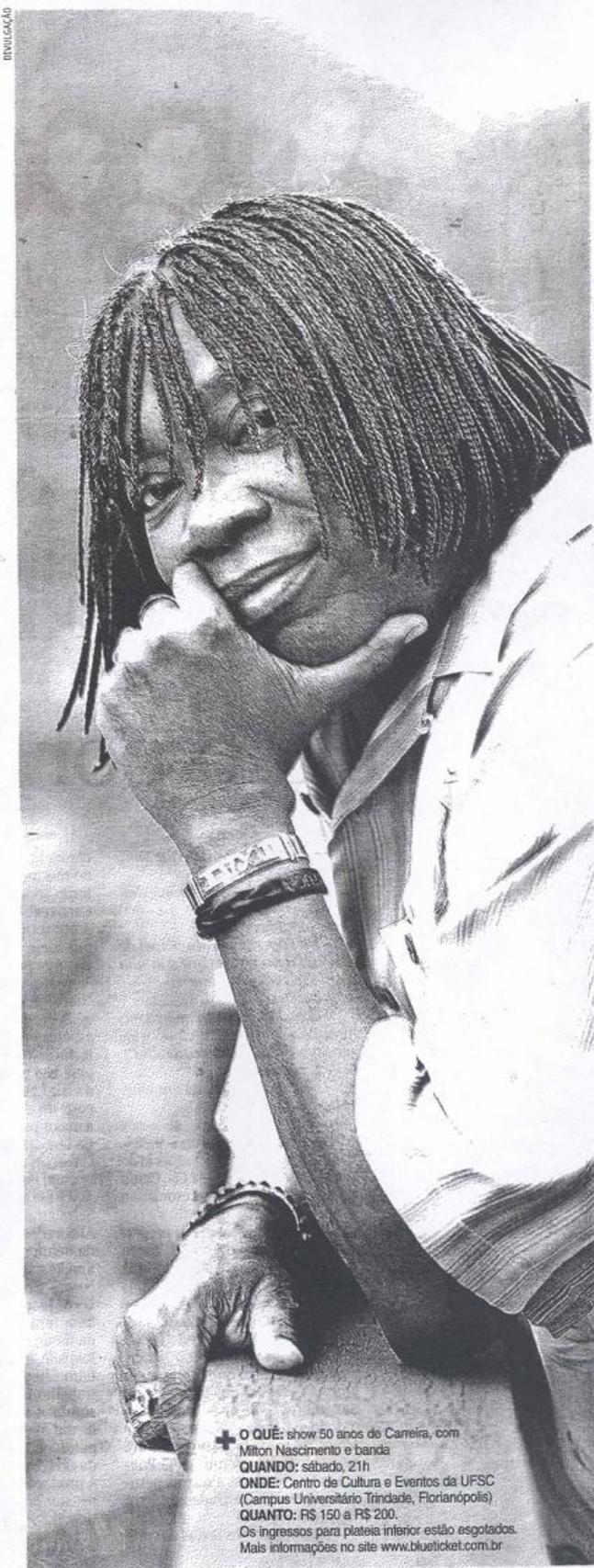
Milton – Não, eu não disse isso. Esse é um ano muito importante para mim, há tanta coisa para comemorar, que eu nem sei se dou conta. É um prazer estar ainda a mil e provando para mim mesmo que não tem nada que atrapalhe se a gente não deixar de trabalhar, se levar tudo a sério e, principalmente, se a gente amar o público, que é o meu caso.

Sobre a sua ligação com cinema, você começou a compor depois de ter assistido um filme do Truffaut, “Jules e Jim”. O que aconteceu enquanto você assistia esse filme que o fez tomar a decisão?

Milton – Sempre fui apaixonado por cinema. O “Jules e Jim” mexeu com a minha alma de uma tal maneira que tudo que eu não queria fazer caiu por terra. Além da influência do cinema em si, que é uma coisa que eu amo, é um filme sobre amizade. E a amizade foi uma coisa que sempre a gente teve e eu aprendi com meus pais. Por exemplo, minha mãe fazia questão que as crianças fossem lá para casa e a gente ficava brincando no pomar e ela fazia chocolates. A meninada era apaixonada por ela. Uma vez eu cheguei da rua e tinha dois meninos de sete anos. Eu cheguei sem fazer barulho e escutei os dois falando: “Mas ela é bonita, boazinha demais”. Eu falei “olha, vocês ficam falando da minha mãe, que eu vou falar para o meu pai” (risos).

No último filme de Woody Allen, “Para Roma, com Amor”, o personagem de Roberto Benigni fica famoso de uma hora para outra e começa a sofrer o assédio da imprensa. Você acha que isso é uma boa paródia do que é ser famoso?

Milton – Ah, eu acho que sim. Tem muitas perguntas que vêm da imprensa que dá vontade de falar “Pô, para com isso!”. Tem até uma coisa interessante. Eu apareci em 1967 no Festival da Canção, logo depois, em 1968, eu já estava gravando nos Estados Unidos com o Wayne Shorter. Gravamos com músicos do pop, do rock, o engenheiro de som era produtor daquela banda que tocou com Bob Dylan, The Band, e, para produzir o disco, ele chamou o cara que, na época, era produtor dos Rolling Stones. Ou seja, ele fez uma feijoada, misturou tudo. E aí saiu aquele disco que foi uma maluquice, porque, se havia preconceito de um músico com outro de outro estilo, acabou. Fui chamado para gravar com o pessoal do rock, de tudo o que era ritmo. E continuaram a me perguntar que ritmo eu tocava. A primeira vez que eu fui na Dinamarca, tinha um cartaz na rua. Dizia: Miles Davis-Jazz. Fulano-Blues. Milton Nascimento-Milton (risos). Aí, pronto!



✦ O QUE: show 50 anos de Carreira, com Milton Nascimento e banda
QUANDO: sábado, 21h
ONDE: Centro de Cultura e Eventos da UFSC (Campus Universitário Trindade, Florianópolis)
QUANTO: R\$ 150 a R\$ 200.
Os ingressos para plateia inferior estão esgotados. Mais informações no site www.bluelicket.com.br

Notícias do Dia
Caderno Plural - Entrevista
"Voz na estrada"

Milton Nascimento / Show / Florianópolis / Centro de Cultura e Eventos da UFSC / 50 anos de carreira / Elis Regina / Ditadura / Influências musicais

PLURAL - NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 25 E 26 DE AGOSTO DE 2012

8

Milton Nascimento

ENTREVISTA



- **O quê:** Turnê "50 Anos de Voz nas Estradas", de Milton Nascimento
- **Quando:** 25/8, 21h
- **Onde:** Centro de Cultura e Eventos da UFSC, Campus Trindade, Florianópolis, tel. 3721-9559
- **Quanto:** a partir de R\$ 200

Voz na estrada

Datas redondas. Na comemoração dos 50 anos de carreira, 40 anos do álbum "Clube da Esquina" e prestes a virar um setentão, Milton Nascimento mostra o seu vigor com a voz que marcou o país e teve ecos no mundo

Entrevista. Milton Nascimento celebra 50 anos de carreira com show em Florianópolis

CAROL MACÁRIO
carolmacario@noticiasodia.com.br
@carolmacario_ND

Há muitos anos Milton Nascimento não se apresentava em Florianópolis. Instrumentista, compositor e cantor, ele finalmente volta à Capital para celebrar 50 anos de carreira. Em solo universitário - lembranças de um tempo em que se apresentava nos diretórios acadêmicos das universidades e burlava a censura do Brasil calado pela ditadura militar -, Milton solta a voz em "Travessia", show da turnê "50 Anos de Voz nas Estradas" que ele apresenta neste sábado, no Centro de Eventos da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Milton está prestes a entrar para o hall dos setentões da música brasileira, onde já figuram Caetano Veloso, Gilberto Gil e Paulinho da Viola. É tido como um tesouro nacional e desponta no cenário internacional como um dos mais importantes músicos brasileiros de todos os tempos. Não é para menos. Nesses 50 anos, Milton acumula na bagagem quatro prêmios Grammy, uma centena de títulos e homenagens, turnês na Ásia, Europa, África e América, além de mais de quinze milhões de discos vendidos. Em entrevista ao *Notícias do Dia*, o músico compartilhou suas melhores memórias.

Daquele menino de chapéu, logo no começo da sua carreira, o que ainda permanece em você? E o que mudou com a maturidade?

Na verdade, quando comecei a usar o boné já não era tão menino assim. Foi pouco depois do disco Milton (1971), e só fui parar de usá-lo nos anos 1990. E sobre a sua pergunta, do que ficou daquele menino de chapéu, ficou o menino.

Lembranças do Clube da Esquina? Dessa época, do que mais tens saudade? E o que destaca em termos de produção musical?

Em termos de produção musical ficaram dois discos: "Clube da Esquina I" (1972) e "Clube da Esquina (2)". E a coisa que eu mais tenho saudade dessa época era mesmo o clima de juventude, de amizade, enfim das coisas desse tempo.

Você vai se apresentar em Florianópolis em solo universitário...

Em 1973, se não me engano, foi um ano em que algumas músicas tuas foram censuradas e você se apresentava nos DCEs. Que lembranças você tem desse tempo? E o que aprendeu durante todo o contexto político social do Brasil calado pela ditadura?

Teve como aprender alguma coisa? O

que restaram foram lembranças de vinte anos de opressão, tortura, sofrimento, mortes.

Você é padrinho de Maria Rita. Como era sua relação com Elis Regina? E como é com Maria Rita?

Depois que eu conheci Elis Regina todas as músicas que eu fiz foram feitas para ela. Ainda hoje penso em Elis quando termino alguma coisa. E o tempo de convivência nós tivemos uma relação muito próxima. Já a Maria Rita não nos encontramos tanto porque viajamos muito, mas sempre que dá a gente se fala.

Em 1990 você lançou o disco "Txai", foi feito a partir de uma viagem por um rio entre o Acre e o Peru. O que lembra dessa viagem?

Essa história foi o seguinte, eu estava na casa de uns amigos, em São Paulo, onde conheci uma tribo, e esse foi meu primeiro contato com os índios. E foi muito especial, porque eles chegaram e, de repente, começaram a cantar uma coisa que eu nunca tinha ouvido antes, e isso foi um barato. Então, a partir desse momento, comecei a estudar mais os índios. E esses que estiveram lá eram Xavantes, mas a gente abriu o campo para vários (como os Yanomâmias), e a essa altura, eu comecei a tomar mais conhecimento sobre a floresta, principalmente a Amazônia. Daí eu resolvi que ia fazer um trabalho sobre

os povos que vivem na floresta. Isso foi muito interessante, porque a gente estava junto com um grupo formado por ribeirinhos, índios e pessoas que vivem da borracha, então, um desses seringueiros, que a gente chamava de Macedo, organizou uma viagem para o Acre. Nessa oportunidade, fomos conhecer uma tribo que não era muito conhecida no Brasil, os Axininka.

Dizem que suas canções nunca puderam ser classificadas dentro de algum gênero - nem bossa nova, nem tropicalista ou rock'n roll. Afinal, quais foram suas influências?

Na minha infância fui locutor de uma rádio na minha cidade, Três Pontas (MG), e durante essa época escutei muita música cubana, francesa, espanhola, americana e, é claro, muita música brasileira. Mas depois vieram os Beatles, o rock americano, e fez minha cabeça tanto quanto todas essas outras influências.

Como foi fazer o repertório desse show de comemoração de 50 anos de carreira? Que critério usou para escolher as canções?

O repertório foi escolhido em conjunto, e isso foi uma das primeiras coisas que decidimos, antes mesmo de reunir a equipe para discutir a concepção do show. Mas em entre tantos discos, foi muito difícil chegar a uma coisa definitiva.

A paralisação de servidores federais vem causando transtornos no país. O que deve ser feito para que, ao mesmo tempo que o direito a greve seja respeitado, a população não pague o preço?

A greve das federais é um reflexo da má gestão dos governos nos últimos 15 anos. Isso passa pelo governos municipais e estaduais; pois eles continuam não priorizando a educação. Entra e sai governo e as greves estão aí. Realmente, essas paralisações prejudicam a população, mas também os participantes, que deixam de exercer com dignidade suas funções por essa desvalorização que recebem. Parece que neste país nem as greves conseguem sensibilizar os donos do poder; nesse sentido há muitas dificuldades em solucioná-las.

Flavio J. Sperotto
Xaxim

Quem é a favor desta greve absurda deve ser funcionário público federal e aproveitar para tirar férias, pois a maioria recebe altos salários sem trabalhar. A sociedade esquece que o dinheiro para pagá-los sai do bolso de cada um de nós. Em vez de protestarmos para a redução das regalias dos políticos, todos queremos tê-las, e aí não há dinheiro suficiente.

André Silva
Florianópolis

Vergonha estas paralisações de servidores federais. Tomem vergonha na cara e trabalhem. Um governo sério descontinua todos os dias parados.

Geraldo Francio
Florianópolis

O direito de greve deve ser respeitado. Mas também o direito de não pagar para quem não trabalha ou repõe os dias parados. Ninguém pode receber pelo que não produz. Muitos aproveitam a greve para passearem. Nem sequer participam das atividades. Então, direito de greve sim, mas direito à malandragem não. Também tem que ver o valor das salários e se realmente não tiveram reposição. Por que não divulgaram os contracheques?

Julio Cesar
Florianópolis

DEBATE DC

■ Melhorar a educação, que está em um nível aquém do desejado, é papel de todos nós, não somente dos governos. Qual é seu papel nesse processo? Você o desempenha ou não?

Envie sua opinião, com nome, cidade de origem, profissão, telefone e RG da carteira de identidade com o título "Debate" para diariodo leitor@diario.com.br

É só o povo brigar para reduzir os custos de um político, acabar com os cabides de empregos eleitoreiros, reduzir a quantidade de ministérios, etc. Acabar com auxílio-terno, auxílio-revista, verba de gabinete, verba para campanha. Assim, sobrarão dinheiro para aumentar salário de trabalhador e investir no país.

Marcelo Cordeiro
Florianópolis

Os servidores federais não podem e não devem fazer greves que prejudiquem a população, que é quem lhes paga. Ganham bem, seus salários são reajustados acima da inflação há muitos anos. Quem achar que ganha pouco, demita-se. Temos emprego para eles em nossas lavouras, R\$ 1,2 mil por mês, casa de madeira, luz, água de poço, horas extras, insalubridade. Mas queremos ficha limpa.

Tasso de Pauli
Zetina

É irresponsabilidade, primeiro do governo e, depois, dos servidores. A incapacidade do governo de negociar ou resolver uma greve dentro de 15 dias, no máximo, mostra o descaso com a população. Ministros dão entrevistas falando como se a responsabilidade não fosse deles. É inacreditável e inaceitável. A incompetência, nessas ocasiões, mostra por que este país é tragicamente atrasado. Pésames a todos nós.

Vulmar Carlos Dognário
Florianópolis



Sou funcionária pública e penso que o mínimo pra qualquer trabalhador é a reposição da perda da inflação. Quanto à greve, é direito básico. Para não haver prejuízo à população é preciso que os governos federal, estadual e municipal paguem a variação do INPC anualmente pros seus funcionários, assim como faz o INSS com seus aposentados.

Marina Silva
Florianópolis

O que eles buscam é reposição salarial. Algumas categorias estão com os salários defasados há seis anos. Quanto a divulgação dos salários, não ganham tão bem como a maioria pensa, principalmente no judiciário.

Alexandre Silveira
Florianópolis

Se os governantes fossem responsáveis e tivessem compromisso com o Estado brasileiro e seu povo e não apenas com os megaempresários, cumpririam o que determina a Constituição: reajuste anual que garanta pelo menos a manutenção do poder de compra dos salários de seus servidores. Não pode é ficar até seis anos sem reajustar, depois, dizer que 25% é mais do que a inflação, que é ganho real.

Cesar Ramos
Florianópolis

Os servidores não podem esquecer que também fazem parte do povo. Nesta condição, também são dependentes dos serviços públicos. Todos devemos observar educação e bom senso em nossas reivindicações. Os professores precisam voltar a ensinar e os alunos a estudar.

Luiz Caldas
Florianópolis

O direito de greve dos servidores públicos está estabelecido na Constituição de 1988. No entanto, até agora, o Congresso e todos os governos não se preocuparam em regulamentar esse direito, por meio de lei específica, como previsto na Constituição. Assim, o primeiro passo a ser dado é regulamentar o direito de greve dos servidores públicos.

Tudo o que for sugerido em resposta a este tema deve ser contemplado. Os governos pós-tumos a 1988 e o Congresso têm sido omissos nesse assunto, causando preocupações e transtornos aos servidores e à população.

Veronica Nascimento
Florianópolis

Servidores públicos têm, sim, direito a greve. De igual modo, se acaso não existe lei regulamentando a forma de se fazer greve, isso é culpa da inércia do Legislativo, que está preocupado em blindar os mensaleiros. A população será prejudicada se tiver prestadores de serviços públicos desmotivados. A solução não é virar as costas e sair fora buscando outra atividade laboral, mas lutando para que sejam dadas melhores condições de trabalho e salários.

Sandro Roberto
Blumenau

Percebemos que o funcionalismo público vem aumentando o poder de beneficiar-se por meio das greves. Não existe a regulamentação que autoriza o servidor público a participar de greves.

Se as autoridades não regulamentarem a lei, chegaremos ao caos. Imaginem se fosse um governo não reconhecido pelos sindicatos? Será que conseguiria governar? Funcionários públicos necessitam que seus direitos sejam regulamentados, mas também não podemos consentir que alguém que ganha mais de R\$ 15 mil por mês pare suas atividades e prejudique gravemente o país.

Aderaldo Porto
Rio do Sul

A população paga um preço caro se o governo não ceder a áreas que cuidam de todos nós, inclusive, e principalmente deles.

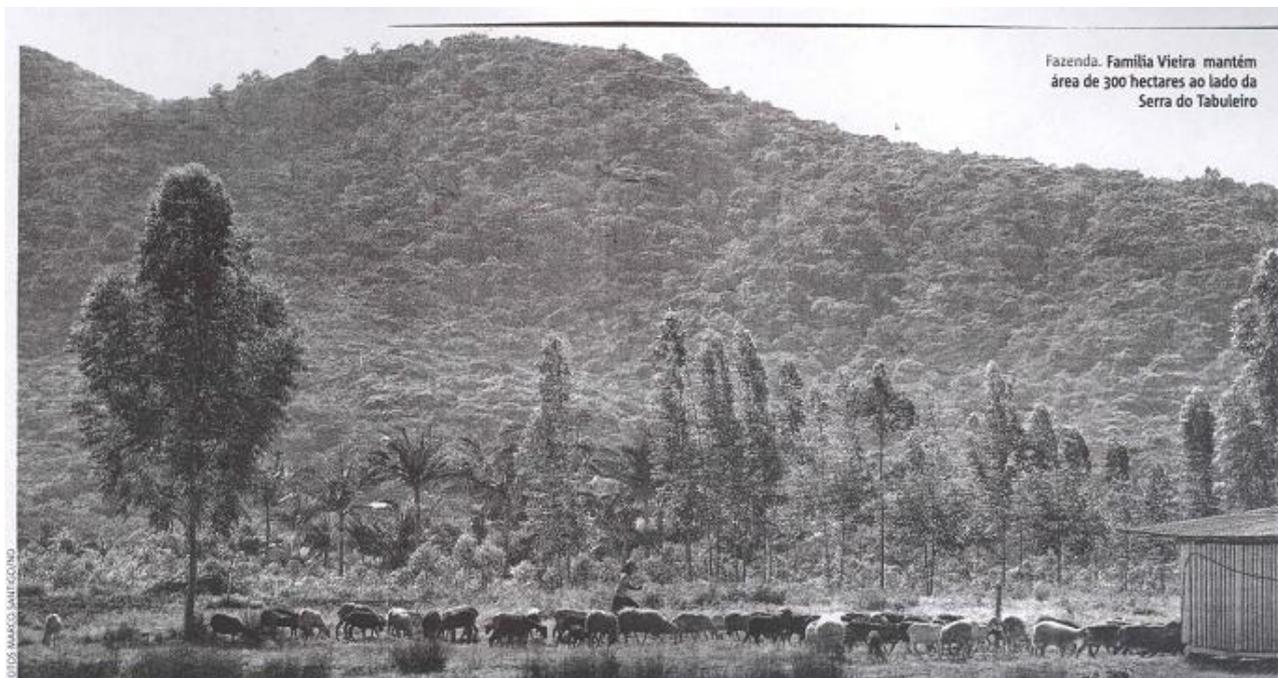
Dorivalino Furtado Filho
Florianópolis

Notícias do Dia

Região

“Melaleucas, ovelhas e peixes”

Fazenda de Luís Vieira / Palhoça / Parque Estadual da Serra do Tabuleiro / Criação de ovelhas / Extração de areia / Piscicultura / Parceria com a UFSC / *Melaleuca Alternifolia* / Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa



Fazenda. Família Vieira mantém área de 300 hectares ao lado da Serra do Tabuleiro

Melaleucas, ovelhas e peixes

Sertão do Campo. Empresário explora o campo de maneira sustentável em Palhoça

ALESSANDRA OLIVEIRA
alessandraol@noticiasododia.com.br
@alessandra_ND

PALHOÇA — A fazenda de 300 hectares da família Vieira faz limites com o Parque Estadual Serra do Tabuleiro, no bairro Sertão do Campo, em Palhoça. Distante 62 quilômetros de Florianópolis é ali, logo ali, que Luiz Vieira, 43 anos, se realiza no lugar onde escolheu viver. Entre a criação de ovelhas, a extração de areia e a piscicultura desenvolvida em parceria com a UFSC (Universi-

dade Federal de Santa Catarina), ele se prepara para a mais uma aposta para permanecer no campo: a extração de óleo de *Melaleuca Alternifolia*, planta originária da Austrália, utilizada na indústria farmacêutica e cosmética.

Em 1972, o pai de Luiz, João Vieira, hoje com 83 anos, adquiriu a propriedade de 300 hectares, no isolado Sertão do Campo. Por mais de três anos o fazendeiro extraiu madeira nativa, atividade que chegou a empregar mais de 100 pessoas.

Com a criação do Parque Est-

tadual Serra do Tabuleiro, em 1975, o padre Raulino Reitz pediu ao madeireiro que mudasse sua atividade e colaborasse na preservação da mata. Religioso, João diminuiu gradativamente a extração.

Desde então, ele e os filhos buscam alternativas para permanecer no campo, viver dele causando o mínimo impacto ao meio ambiente. Da criação de gado, em especial búfalos, os Vieira chegaram às ovelhas.

Na propriedade cercada pelas montanhas do Parque Estadual

estão distribuídos os piquetes com 200 ovelhas. A criação começou há dez anos, com exemplares da raça Corriedali. Como não havia mercado para lã e os animais sofriam com o calor da região, a substituição pela raça deslanada Santa Inês foi a solução para manter a atividade.

Os animais de boa genética são vendidos para reprodução. Os demais são fornecidos a um frigorífico, que paga R\$ 6 pelo quilo da ovelha viva. A carne é comercializada na região da Capital e em Balneário Camburiú.



MADEIRA

Extração de madeira nativa foi abandonada gradativamente pela família Vieira

Um pastor sempre atento aos predadores

Domingos João da Silveira, 49, é o pastor de ovelhas da fazenda Princesa da Serra. Sua voz é ouvida e obedecida pelo rebanho na hora da troca de piquete e no momento do recolhimento ao galpão. Além de cuidar para que os animais estejam entre pastagem fartas, é dever de Domingos evitar que os animais sejam presa de predadores como o cão-do-mato. Outra função é recolher esterco das ovelhas. Os dejetos que caem pelas grades do chão do galpão onde o rebanho dorme são sugados por bomba elétrica e posteriormente transformados em biofertilizante.



Boa carne. Parte do rebanho de ovelhas é vendida para reprodução e o restante para abate

UFSC mantém projeto

Na fazenda de Luiz Vieira, a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) mantém um projeto de piscicultura. Experimenta técnicas para reprodução de dourados, piracanjubas, tilápias, curimbatás entre outras espécies de peixes de rios catarinenses. Os exemplares foram retirados de rios para serem posteriormente depositados em áreas alagadas por barragens de hidrelétricas. Os alevinos do banco genético da UFSC garantem a repovoação e preservação de espécies de água doce dos rios do Estado.

Ao todo, são dez espécies distribuídas em oito açudes. A piscicultura faz parte da recuperação ambiental exigida pela Fatma (Fundação do Meio Ambiente) para que seja dada a licença para extração de areia na propriedade para fins comerciais. Em um açude Luiz Vieira cria para consumo da família e das visitas, o catfish, conhecido como bagre americano.

Planta aborígene no Sertão do Campo

Enquanto as 36 mil *Melaleuca Alternifolia* crescem no campo, Luiz e seus irmãos e o pai esperam a licença da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para iniciar a extração industrial do óleo da árvore. Luiz conta que os aborígenes australianos usavam o solo onde havia a planta por acreditarem em suas propriedades curativas.

Em 1920 pesquisadores descobriram que não estava no solo, mas no óleo expelido pelas folhas secas no chão, a capacidade fungicida e antibactericida da *Melaleuca*. "Buscávamos alternativas sustentáveis para manter a fazenda. Foi então que encontramos um vídeo-curso sobre a extração do óleo", conta um dos sócios do projeto, ao revelar ainda que trouxe até Palhoça o professor Lélis Pinheiro, da Universidade de Viçosa (MG). Lélis introduziu a espécie no Brasil há 25 anos.

O óleo da *Melaleuca* é usa-

do na composição de produtos como xampu, esmalte e cremes. "São mais de 400 subprodutos utilizados nas indústrias farmacêuticas e de cosméticos", completa. Até o final do ano, a família Vieira pretende iniciar a produção que já tem mercado à espera. A previsão é produzir dois mil litros a cada ano.

"O laboratório está aos cuidados do meu irmão, que é químico industrial e de um farmacêutico", relata. As cinzas da madeira, utilizada na caldeira de destilação do óleo, são reutilizadas como fonte de potássio na adubação do solo.

Com as *Melaleuca Alternifolia* a fazenda é reflorestada. Cada planta é cortada a 20 centímetros do solo para que a árvore rebrote e atinja seus três metros de altura. O processo de plantio é acompanhado pela Fatma. "Trabalho no que gosto. Viver no campo é realiza. Ali é meu lugar, completa o técnico em agronomia.



Nova plantação. Luiz Vieira aguarda a licença da Anvisa para começar a extração de óleo dos 36 mil pés de *Melaleuca*



Óleo. Produto é usado na produção de xampu e cremes

Areia para a construção civil

Embora Luiz esteja diariamente envolvido com as tarefas da fazenda, ele conta com o trabalho administrativo dos irmãos Ademir e Altair, além da orientação do pai, João Vieira, que se mudou para Campinas, São José, há três anos, para ficar mais perto de recursos médicos.

Assim, a extração de areia foi uma das atividades adotadas enquanto pai e filhos substituíam a pecuária por outras atividades. Atualmente são retirados da fazenda mais de 8 mil metros cúbicos de areia grossa por mês, produto que é utilizado na construção civil da região.

Diário Catarinense - Visor "Passaralho"

Funcionários terceirizados / Fapeu / Fepese / Feesc / Aviso prévio de demissão / HU



Diário Catarinense - Serviço "Ditadura"

Programa de Pós-Graduação em História / Laboratório de Estudos de Gênero e História / UFSC / Palestra *A Rede de Resistência e Solidariedade contra a Conexão Repressiva das Ditaduras (Uruguai - Brasil)*

• **Ditadura** - O Programa de Pós-Graduação em História e o Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC promovem na segunda-feira, às 14h, a palestra *A Rede de Resistência e Solidariedade contra a Conexão Repressiva das Ditaduras (Uruguai-Brasil)*. Informações: cristiwolff@gmail.com.br.

Diário Catarinense - Geral

"Pré-Vestibular: Aula inaugural é segunda na UFSC"

Curso Pré-Vestibular da UFSC / Secretaria Estadual de Educação / Aula inaugural / Centro de Cultura e Eventos da UFSC



Diário Catarinense - Diário do Leitor

Poluição visual / Placas de candidatos / Rótula do CIC / Avenida Beira-Mar Norte / UFSC / Prefeitura / TRE



A Notícia

Caderno Anexoideias – Eleições 2012 – Pensar Joinville

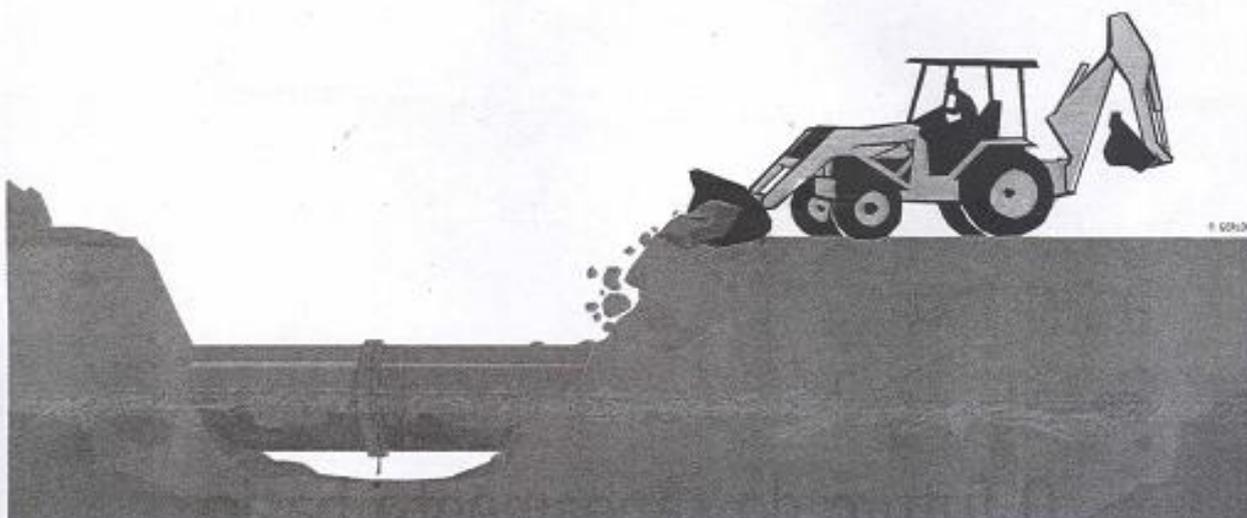
“Infraestrutura: Uma necessidade para a vida”

Charles Henrique Voos / UFSC / Infraestrutura urbana / Qualidade de vida / Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville – Ippuj

ANexoideias

DOMINGO, 26 DE AGOSTO DE 2012 ANOTÍCIA

2012
PENSAR JOINVILLE



Infraestrutura: uma necessidade para a vida



CHARLES HENRIQUE VOOS, técnico em gestão pública, bacharel em ciências sociais e mestre em urbanismo (UFSC).

PERFIL

Trabalha como pesquisador e integra projetos de consultoria em planejamento urbano para prefeituras de Santa Catarina. Já fez parte do corpo técnico da Prefeitura de Joinville (Ippuj) e Secretária de Integração e Desenvolvimento Econômico. É jornalista, monitor de bairro (Ippuj), onde já foi vice-presidente de associação de moradores (Ippuj).

Falar sobre infraestrutura urbana é recorrer aos elementos construídos para garantir a vida em uma cidade, os quais compõem a base necessária ao consumo do espaço. Ou seja, os sistemas de água, esgoto, energia elétrica, circulação (pontes, ruas, avenidas etc.), grandes equipamentos públicos e coleta de lixo são alguns temas importantes deste quesito com os quais a cidade deve se preocupar. Considerando estes fatores, a infraestrutura urbana é uma das abordagens mais transversais na hora de se pensar uma cidade, pois está diretamente ligada à qualidade de vida de todos os cidadãos.

Ao longo de seus 161 anos de história, Joinville sempre tratou as políticas de infraestrutura urbana como prioridade para poucos. Em meados de 1900, a água encanada e a energia elétrica, por exemplo, surgiram nas regiões centrais da cidade, privilegiando os setores mais ricos da sociedade. Com o espraiamento urbano descontrolado da segunda metade do século 20, promovido para abrigar o aumento populacional, nossa cidade paga um alto preço: a Prefeitura não tem o capital suficiente para prover o mesmo nível de intervenções por todas as partes, surgindo assim espaços desiguais em relação a outros, pois não contam com aquela base necessária para as necessidades da vida. Estamos em 2012, e a realidade ainda mostra que precisamos pensar em intervenções para os bairros, pois o histórico não os contempla.

O saneamento básico é um exemplo da urgência desta inversão: precisa atingir primeiro as regiões periféricas para, após isto, chegar às regiões mais centrais. Qualitativamente, o salto seria muito maior, principalmente se levamos em conta a evolução numérica das ações já feitas, entretanto, em áreas que já são privilegiadas por vários outros fatores. O sistema de circulação também deve seguir esta lógica, uma vez que a Pesquisa Origem-Destino, organizada pelo Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville (Ippuj), em 2010, mostrou que os deslocamentos das pessoas são realizados cada vez mais próximos de suas moradas e menos direcionados ao Centro. Não podemos mais considerar a área central como principal destino de todas as pessoas e nem achar que construir etôles, largas avenidas ou elevados vai solucionar todos os problemas, por dois motivos: 1) quanto mais priorizarmos o automóvel, mais estrutura precisará dar a ele, formando um ciclo vicioso; 2) as pessoas encontram perto de suas casas o que só encontravam no Centro, realizando desta forma deslocamentos mais curtos. Um plano municipal de calçadas e ciclovias para os bairros é imprescindível, qualificando a realidade nos bairros de Joinville.

Por outro lado, precisamos inovar e deixar de lado práticas que por aqui estão há anos. É inadmissível para uma cidade do tamanho da nossa o esgotado aterramento sanitário como a única forma de tratar o lixo orgânico. Soluções menos degradantes, como a produção de energia por meio do processamento do lixo, e que já funciona em diversas localidades mundo afora, deve se tornar prioridade. Ainda nesta área, a automatização da coleta e a criação de umas coletores estrategicamente posicionadas nas ruas evitam grandes problemas de saúde nos garis e demais trabalhadores deste setor. Devemos dar atenção a esta situação, da mesma forma que a saudável (e necessária) atenção que estamos dando ao transporte coletivo.

A distribuição energética deve ser planejada, para evitar intervenções às pressas e iminência de apagões, devido à alta demanda industrial e residencial. Da mesma forma, a manutenção de ruas, porque não podemos mais ser reféns das empreiteiras e ações “tapa-buracos”, produto da falta de prevenção e manutenção. A limpeza de ruas e praças precisa reaparecer. Ações de controle das enchentes necessitam de uma continuidade, assim como a construção de reservatórios de água, evitando problemas tão comuns de falta do produto, recorrentes em um passado recente.

Em certos momentos, Joinville precisa pleitear grandes intervenções, fruto de sua importância como polo regional. A conectividade com outras regiões não pode esbarrar na falta de uma duplicação da BR-280 ou na já saturada BR-101 ou em um aeroporto renegado pelas companhias aéreas por falta de equipamentos condizentes. Infelizmente, o poder público – e nós, eleitores – carecemos desta mudança de pensamento, despidendo-nos de conchavos partidários e/ou pessimismo na cobrança por solução das situações que nos incomodam há anos. Por consequência, a população irá entender que obras faraônicas e sem sentido algum não alteram o nosso dia a dia, ao contrário dos ajustes pontuais (por maiores que sejam), provedores de uma maior qualidade na vida das pessoas. Ao fim, os próprios candidatos escurirão promessas absurdas e impossíveis de cumprir, tomando seus respectivos planos de governo mais qualitativos e menos quantitativos.

Ao contemplar a cidade como palco de realização da vida, mudamos o nosso foco em relação às demandas da cidade, afinal, invertemos a lógica do processo. Em vez de números, teremos resultados. Em vez de pessoas contempladas, teremos vidas qualificadas. Ao invés de uma cidade próspera, teremos uma cidade melhor.

“Joinville precisa pleitear grandes intervenções, fruto de sua importância como polo regional. A conectividade com outras regiões não pode esbarrar na falta de uma duplicação da BR-280 ou na já saturada BR-101.”

A Notícia

Caderno Anexoideias – Eleições 2012 – Pensar Joinville

“O futuro do saneamento básico”

Adriano Stimamiglio / UFSC / Joinville / Política municipal de saneamento básico / Agência Municipal de Regulação dos Serviços de Água e Esgoto – Amae / Conselho Municipal dos Serviços de Água e Esgoto

Anexoideias A NOTÍCIA
2/3 DOMINGO, 26 DE AGOSTO DE 2012



O futuro do saneamento básico



ADRIANO STIMAMIGLIO, gerente da unidade técnica do Agência Municipal de Regulação dos Serviços de Água e Esgoto (Amae).

PERFIL

Engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, especializado em gestão ambiental e gestão de recursos hídricos.

Joinville vivencia hoje, assim como todo o Brasil, uma nova fase na história do saneamento básico, marcada pela promulgação da lei federal nº 11.445/2010, que estabeleceu as diretrizes nacionais para o saneamento básico, definido como o conjunto dos serviços públicos de abastecimento de água potável; esgotamento sanitário; limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos; drenagem e manejo das águas pluviais urbanas.

A lei estabeleceu, também, que cabe aos titulares dos serviços (originalmente os municípios) formular a respectiva política pública de saneamento básico, devendo, para tanto, desenvolver ações que incluam a elaboração dos planos de saneamento básico, a prestação dos serviços (diretamente ou mediante delegação), a regulação e a fiscalização, a fixação dos direitos e os deveres dos usuários e o estabelecimento de mecanismos de controle social e de um sistema de informações sobre os serviços.

Das atribuições a cargo do município, podem ser destacadas as ações de organização, planejamento, regulação e controle social da prestação dos serviços. A participação da sociedade deve ocorrer desde a elaboração da política municipal de saneamento básico (lei municipal que organiza o setor de saneamento), passando pela elaboração dos planos setoriais de saneamento (água, esgoto, resíduos e drenagem) e suas revisões periódicas, até o acompanhamento e controle permanente da execução dos planos e prestação dos serviços.

Para qualificar a participação da sociedade nas tomadas de decisão para definição da política e elaboração dos planos de saneamento, é preciso garantir a publicidade e o acesso de todos às informações relacionadas aos sistemas e aos serviços. Nesse sentido, é importante uma regulação efetiva e a divulgação sistemática de indicadores da qualidade e da eficiência dos serviços, por meio de um sistema municipal de informações do saneamento básico, visando a reduzir um fenômeno conhecido como “assimetria de informações”, prejudicial nos processos decisórios.

O município de Joinville já vem trabalhando na consolidação da sua política municipal de saneamento básico e na estruturação do respectivo sistema municipal de saneamento básico. A regulação dos serviços de água e esgoto já é executada desde 2002 pela Agência Municipal de Regulação dos Serviços de Água e Esgoto (Amae), cuja ampliação da estrutura e atribuições já é objeto de projeto de lei em discussão na Câmara de Vereadores, com a inclusão da regulação dos serviços de resíduos sólidos e de drenagem pluvial urbana. Na mesma lei que criou a Amae, foi criado também o Conselho Municipal dos Serviços de Água e Esgoto, que tem atuação importante no controle

social dos serviços. A ampliação das atribuições desse conselho para os demais serviços de saneamento básico também deve ser realizada, mediante aprovação de lei municipal.

Os planos municipais de saneamento básico de Joinville estão elaborados ou em elaboração. Em 2011, foram concluídos o plano dos serviços de água e esgoto e o plano de drenagem da bacia do rio Cachoeira. O plano de resíduos sólidos está em elaboração, considerando a gestão integrada, conforme a lei nº 12.305/2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Esses planos incluem estudos de diagnóstico e prognóstico da evolução das demandas pelos serviços e da infraestrutura necessária para garantir a adequada prestação dos mesmos.

Com base nesses estudos, foram definidos, também, os investimentos necessários para a universalização dos serviços. De acordo com os planos já elaborados, Joinville necessitará de três ou quatro bilhões de reais de investimento na prestação dos serviços de saneamento básico nos próximos 20 ou 30 anos, para garantir o acesso e a qualidade desses serviços a toda população do município. Esse é, sem dúvida, um dos grandes desafios para os gestores municipais e para a sociedade joinvilense.

Para fazer frente a esse desafio, o município deve estruturar-se e modernizar sua gestão, buscando a eficiência dos sistemas e dos serviços de saneamento. Nesse sentido, a consolidação da política municipal de saneamento básico e estruturação do sistema municipal de saneamento são aspectos fundamentais. Da mesma forma, a adequação da estrutura administrativa municipal e a implantação de mecanismos de efetiva participação e controle social são ações necessárias para o sucesso da execução da política e dos planos municipais de saneamento básico.

Esses planos de saneamento são, talvez, os instrumentos mais importantes na reorganização e modernização dos serviços. Como visto, serão necessários investimentos pesados e de longo prazo, o que torna importante o planejamento e o replanejamento contínuo.

Estamos vivendo um momento de avanço no setor de saneamento básico em Joinville. Diversas ações e definições importantes estão acontecendo e devem ter continuidade. A participação da sociedade nas discussões e tomadas de decisão, por meio do Conselho Municipal dos Serviços de Saneamento Básico, do envolvimento em consultas e audiências públicas, bem como a participação na regulação dos serviços deve ser estimulada, para a legitimação de todo o processo. Afinal, a conta será paga, literalmente, por todos.

“
Para fazer frente a esse desafio, o município deve estruturar-se e modernizar sua gestão, buscando a eficiência dos sistemas e dos serviços de saneamento.
”

CLIPPING DIGITAL

24/08/2012

ADJORI - SC

[Pré-Vestibular da UFSC/SED realiza aula inaugural nesta segunda-feira](#)

Curso Pré-Vestibular da UFSC / Secretaria Estadual de Educação / Aula inaugural / Centro de Cultura e Eventos da UFSC

Portal da Educação Institucional – Notícias

[Pré-vestibular da UFSC/SED promove aula inaugural](#)

Curso Pré-Vestibular da UFSC / Secretaria Estadual de Educação / Aula inaugural / Centro de Cultura e Eventos da UFSC

Hôtelier News

[Curso para colaboradores de hotéis debate trabalho em equipe no Balneário Camboriú \(SC\)](#)

Curso Motivacional e Comportamental / Profissionais de hotéis e pousadas / Marambaia Hotel / Balneário Camboriú / Sérgio Luiz Correa / Curso de Gestão de Pessoas / UFSC

Jornal Agora Notícias

[GETrans/Furg seleciona bolsistas para estudo de implantação do trem regional de passageiros](#)

Grupo de Estudo de Trânsito e Transporte da Furg – GETrans/Furg / Trem regional de passageiros / Laboratório de Transportes e Logística da UFSC – LabTrans

G1 - Santa Catarina Notícias

[Eletrosul terá primeira usina solar instalada em prédio público do Brasil](#)

Eletrosul / Projeto Megawatt Solar / Consórcio Efacec Megawatt Solar / Usina fotovoltaica em edifício público / UFSC / Instituto Ideal / Agência de Cooperação Internacional do Governo Alemão – GIZ

25/08/2012

**G1 - Santa Catarina
Notícias**

[Cantor Milton Nascimento apresenta '50 Anos de Carreira' em Florianópolis](#)

Milton Nascimento / Show / Florianópolis / Centro de Cultura e Eventos da UFSC

26/08/2012

**G1 - Santa Catarina
Notícias**

[Empresas Juniores da UFSC ganham R\\$2 mil em livros para universidade](#)

Encontro Mundial de Empresários Juniores / Rio de Janeiro / Ambev Awards / Empresa Junior de Engenharia Sanitária e Ambiental – EJESAM / Empresa Junior de Engenharia de Produção – EJEP / UFSC

**Terra
Notícias**

[SC: candidato pede liberação da maconha vestido de 'presidente THC'](#)

Candidato a Vereador / Florianópolis / Lucas de Oliveira / Discriminalização da maconha / Curso de Economia da UFSC / Instituto da Cannabis – InCa